ANO 25 · QUARTA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO DE 1946 · N.º 8332

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 027?
ENDEREÇO TELEGRAFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO D' SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

Despedida a Eça de Queirós

Cada época tem as suas verdades e as suas mentiras, as suas certezas e as suas negações, as suas elegancias e as suas grosserias. Os chamados «séculos de ouro»—o de Pericles, o de Augusto, o de D. Manuel I e o de Luis XIV—não constituem excepção. Onde estiver o homem, o espirito e a matéria manifestam-se, lado a lado.

Eça de Queirós passou uma grande parte da sua vida no estrangeiro como funcionário consular... Vinha, de tempos a tempos, a Portugal para matar saudades, abraçar os amigos, repousar, divagar, admirar paisagens, escutar o mar e o seu monologo, frequentar a sociedade que romanceava e manter viva a sua alma de português, não fosse ela eclipsar-se, na penumbra baça do cosmopolitismo.

Viajado, culto, com o sentido do cómico, humorista género Thackeray, nem rico nem pobre, mas apreciador do que é fino e saboroso, trabalhador infatigável e retocador de todas as suas páginas, cuidou da sua prosa como um grande artista insatisfeito que busca realizar, na fluidez da palavra, a perfeição, fugindo, portanto, ao preciosismo e á retórica.

O seu estilo é a criação mais bela do seu génio. Não importa tanto o que disse como a maneira por que o disse. Paris significou para ele o que a Atenas foi para Virgilio—o espelho do universo. Através da grande cidade onde as tentações se multiplicam e as ideias se volatilizam em mil cambiantes, ora feixe de luz, ora fogo de artifício, a sensibilidade do romancista embebeu-se na vida e na literatura, não para ser um «diletanti», um «sensacionista», mas para situar-se, dentro dum vasto panorama, e construir nele a sua obra, o seu monumento.

Como viu Eça de Queirós, parisiense por instinto e por opção, a terra do seu berço, depois de deslumbrar-se com as maravilhas do planeta?

Que relação se estabeleceu na sua fantasia entre Bulhão Pato e Vitor Hugo? Como lhe apareceu o Rossio, depois da Praça da Concórdia?

Como adaptou a «Comedie Humaine» á «Comédia de Lisboa», com o Chiado, o Parlamento, os salões e a Academia?

Eram coisas do mesmo nivel ou uma sobrelevava á outra?

Antes de medir-se com a tarefa, Eça de Queirós «sentiu-se» demiurgo. Aparte o grupo eleito dos «Vencidos da Vida», onde as ilusões eram bebidas por copos de cristal bem facetado e lavrado, a sua arte de observar e o tom suave e caricatural da sua imaginação fadaram-no para a ironia.

Alguém, num livro recente, disse aproximadamente isto:

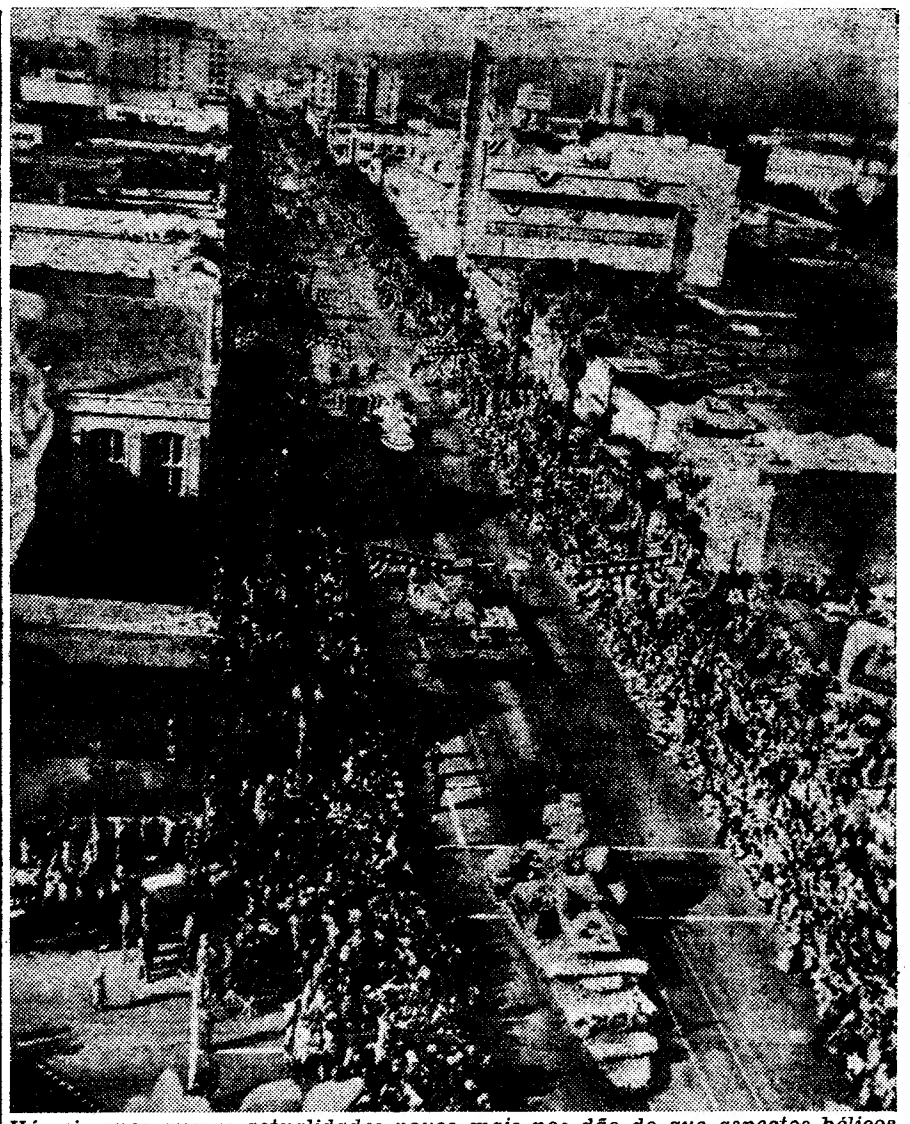
—«Os personagens de Eça não são realidades, mas «seres» recortados no cartão, pintados na sua animação ficticia».

Não é exacta a afirmação: um dos valores da invenção irónica revela-se na transformação da vida em «capricho» que se modela entre os dedos.

A Europa, como ele a conheceu em Londres e Paris, forneceu-lhe a «revolução» e Lisboa, capital do império das Navegações e das Conquistas, tornou-se para ele uma experiência «in anima vili».

Para que hão-de absolvê-lo do que nele era fundamental—o desejo de divertir-se?

Quando um dia percebeu que havia uma nobre «seriedade» que ungia Portugal e a sua gente, Eça reencarnou o Filho Pródigo, escrevendo «A Cidade e as Serras» ou seja o romance da sua penitência. Voltou á Pátria querida. Jacinto transportou para Tormes, fatigado de civilização, os restos da sua boémia voluptuosa. Aspirava á lareira, ao campo como refugio de paradoxos e de pompas burlescas. «A Cidade e as Serras», como ultimo acto duma carreira literária, possui o vigor dum voto de profissão no claustro.



Há seis anos que as actualidades pouco mais nos dão do que aspectos bélicos. Eis, finalmente, um festivo quadro americano: um grande desfile alegórico, em Pasadema, Califórnia, a que assistiu milhão e meio de pessoas

(Foto I. N. P.)

Os Estados Unidos

vão reconhecer

o Governo da Roménia

WASHINGTON, 6—O Departamento de Estado deve comunicar ámanhã o reconhecimento do Governo romeno, segundo se soube hoje nesta cidade.

A Grã-Bretanha, soube-se também, vai recomeçar as relações diplomáticas com a Roménia á base do relatório da comissão de representantes britanico, russo e americano que foi consultar o rei Miguel e o Governo romeno.

Numa declaração em que se explica a decisão tomada, o Departamento de Estado acentua que os representantes do Partido Agrário Nacional e do Partido Liberal foram incluidos no Governo romeno, que declarou que se realizariam eleições livres tão depressa quanto possível.

O Governo deu igualmente as desejadas garantias pelo que respeita á liberdade de Imprensa, de palavra, de religião e associação.

A nota americana á Roménia pede que as eleições se realizem nos fins de Abril ou princípios de Maio.—(R.).

Puseram «baton»

nos lábios de Apolo...

Durante a sua visita ao Jardim da Estrela, o sr. presidente da Camara Municipal chamou a atenção dos jornalistas para as selvajarias praticadas numa formosa estatua de Apolo, ali existente. Assim, o rapazio, além de quebrar vários dedos, pintou-lhe a boca com carmim, e ainda por cima lhe desenhou a preto um bigode!...

Novo presidente

do Supremo Tribunal francês

PARIS, 6.— Louis Nogueres, de 65 anos, velho deputado socialista, foi ontem eleito presidente do Supremo Tribunal de Justiça francês pela Assembleia Constituinte, sucedendo a Marcel Naegelen, outro socialista que é o ministro da Educação do actual Governo.—(R.).

A produção de leite

é insuficiente para as necessidades do país

—diz-nos o veterinário sr. dr. António Madureira

Uma troca de palavras com um especialista dá sempre a imagem de um assunto na sua mais justa expressão. Foi assim que, de um encontro e de uma conversa sem pretensões com o sr. dr. António Madureira, medico municipal em Estarreja e Murtosa, resultou, quase sem darmos por isso, uma entrevista do maior interesse sobre vários aspectos á volta do problema do leite.

Vem a talho de foice uma referência a um assunto recentemente discutido: uma especie de desentendimento entre agrónomos e veterinários.

—Confesso-lhe que vi o assunto com certa surpresa, porquanto não vejo motivos para considerar questão de principio as razões de pura técnica económica, que nada têm que ver com conhecimentos veterinários ou agronómicos. Não podem ser culpados os veterinários (principalmente de entravar questões nacionais,—o que me parece rematada injustiça!) só porque um ou outro defende as grandes concentrações industriais, como não podem ser culpados todos os agrónomos pelo facto de alguns defenderem o seu ponto de vista de cooperativas. Estão os agrónomos na sua função natural, visto a eles pertencerem todas as actividades intrinsecas da terra, perfeita e designadamente agricolas, muito embora nunca se pensasse em submeter a cooperativas agricolas a industria de fiação de linho ou de algodão, por exemplo, só porque são produtos agricolas. Da mesma forma, por que razão nunca se falou em desentendimentos a propósito da industrialização dos coiros ou das lãs?

O método de exploração

E, desenvolvendo o seu raciocinio, o nosso entrevistado prossegue:

—O que deve registar-se, entretanto, é que, pelo que diz respeito aos veterinários, não tendo mais do que os pés assentes na terra, eles podem aceitar qualquer especie de *modus-faciendi*, até mesmo das cooperativas, visto que nenhum representa para eles maior facilidade ou dificuldade de execução. Para os veterinários é indiferente, em ultima análise, que os *donos* das fábricas sejam lavradores ou simples capitalistas, porque, ao fundarem uma industria eles ficam a ser, *ipso-facto*, e qualquer que seja a sua procedencia, nada mais do que simples industriais, por mais que *acumulem* com a função agricola. O veterinário tem que ver com o rebanho e com os produtos do rebanho, seja ele de quem for, ao passo que ao agrónomo este só interessa em função agricola. Evidentemente, se qualquer individuo quiser ter uma vacaria, mantida com produtos adquiridos no mercado, nada tem que vêr com o agrónomo, pois, neste caso, não existe exploração agricola, mas nem por isso poderá dispensar, como é óbvio, a actuação do veterinário. Eu não

(Continua na pag. central)

O sudoeste africano

deseja entrar na União da Africa do Sul

CIDADE DO CABO, 6—Uma deputação representando o Partido Nacionalista do sudoeste de Africa, numa entrevista que teve com o primeiro-ministro, marechal Smuts, pediu ontém a incorporação do sudoeste africano na União Sul Africana.

Estão a fazer-se os arranjos para as consultas com a população indigena e de côr.—(R.).

VIDA literária

O PRETO NO BRANCO

Escrever e falar

Estou em crer que a época dos grandes escritores, dos creadores geniais, está definitivamente passada Não se pode falar hoje duma elite *de artistas e de escritores. O ambiente não é propício á creação dessas* elites*—as unicas admissiveis. Em primeiro lugar porque o maior génio do mundo tem necessáriamente de comer e nas sociedades contemporaneas, em que já não há Mecenas, os prémios literários dos governos não chegam para um escritor, por mais frugal que seja, poder jantar durante um ano.*

Depois a Arte literária é essencialmente uma inutilidade. Quando a produção da batata diminue toda a gente reclama contra a falta da batata. Se amanhã os romancistas dum País suspendessem a sua actividade, estou em que ninguem se queixaria. Pelo preço dum romance vai-se duas vezes ao cinema e vêem-se enredos muito mais complicados, experimentam-se emoções fortes, admiram-se mulheres bonitas, lijongeia-se a libido *tudo apenas com o dispendio do bilhete e sem maior esforço intelectual. As sociedades contemporaneas estão preocupadas com coisas muito serias e positivas. Em matéria de actividades «ludicas», as urnicas que suportamos é o futebol e o box. A energia dispendida nesses «match's» que arrastam multidões presupõe um afluxo de sangue ás extremidades—os pés e as mãos e o publico gosa com os resultados altamente dinamicos dessa congestão dos membros. Penso que esse sangue deve fazer falta na cabeça e acho portanto, inteiramente bem entendido e razoavel que a um compeão de qualquer dessas actividades, nenhuma pessoa sensata vá exigir que escreva a Divina Comédia, por exemplo.*

Há muito mais apreciadores dum bom shoot *ou dum excelente murro, do que dum verso inspirado.*

De resto, é muito mais util á Humanidade a vida ao ar livre nos «estádios» do que a atmosfera encerrada dum gabinete de trabalho. Só compreendo o «bardo» como ele era antigamente, deambulando por monte e vale, com a lira ás costas, exercendo concomitantemente o footing *e o* campismo. *Os «bardos que a cismar molham a pena» como diz o Nobre, pertencem ao Passado.*

O bardo é como o orador. Hoje nem um molha a pena, porque tem caneta de tinta permanente, nem ao outro são permitido arrebatamentos e entusiasmos. O microfone *arrasou a eloquência. Ao* microfone *exibe-se uma voz igual e comedida e, como o publico não vê o orador, este pode muito bem permitir-se, numa passagem mais emocionante, coçar-se nos sovacos se lhe comerem. Entre nós, por exemplo, o unico sitio onde ainda pode ser suportavel um bocadinho de oratória é na Boa-Hora. E isso mesmo com comedimento e proporção, porque os juizes estão acoberbados de trabalho e têm mais que fazer do que ouvir discursos. Resta o pulpito, a oratoria sagrada—os divinos mistérios, Deus e a vida dos santos. Mas até nesses supremos assuntos e nesse ultimo refugio das altas «mensagens» espirituais, eu receio a invasão do espirito moderno. Dizem que já houve um industrial americano que se atreveu a propôr ás autoridades espirituais da Igreja que, no fim do Santo Sacrificio em vez do «Ite, missa est» o levita dissesse «os melhores pneus são da marca tal».*

Na literatura como na oratória falta um vivo sentimento de fé largamente humano. Porque, quer o escritor quer o orador, reconhecem que não há «mensagem» da palavra falada ou escrita que tenha a décima parte do poder de persuasão da bomba atómica. E isto arrefece um pouco os entusiasmos.

De momento é essa realidade que se impõe ao criador do livro e da tribuna. O escritor clássico acreditava nos deuses e na «civitas», o da Idade Média acreditava no ceu teologico, o da Renascença na Beleza e no pensamento, o do século XIX, no progresso do espirito humano, na Razão e no individuo.

O actual não sabe se o acreditar em qualquer coisa não o poderá colocar em situações criticas.

Depois, nos tempos aureos da arte da palavra escrita e falada, havia uns livros que eram uteis—os diccionários. Hoje, quem se meter a servir-se, falando ou escrevendo, dessas florestas de vocabulos mortos e de significação desconhecida, está perdido, porque o menos que lhe pode suceder é o leitor ou o auditor perguntarem indecisos:—«mas em que raio de lingua escreve ou fala este homem? As linguas hoje ensinam-se com facilidade aprendendo de cor mil e quinhentas a duas mil palavras, incluidas as flexões dos verbos e as preposições.

Isto, no entanto, não é para desanimar. As tragédias de Eschilo, de Sofocles e de Euripedes eram encomendadas e pagas pelas autoridades civis e eclesiasticas da cidade. E ao Edipo e do Prometeu Libertado assistia uma plateia de lavradores da Grecia, que ouviam a tragédia e iam para casa depois ordenhar os gados e pegar na rabiça do arado primitivo. Euripedes porque descontentou o gosto dos espectadores teve que fugir da cidade. E no entanto, essas obras religiosas e civicas são imortais e chegaram até nós. Os momentos da História são relampagos.

Os primeiros creadores da Geometria foram apenas agrimensores. Depois é que veio o Euclides.

Têm-me dito, pessoas entendidas, que o mundo em que nós estamos é velho e que vai surgir outro que é novo. Um amigo meu, brasileiro, me garantiu com calor, que o mundo está mudando.

Que assim seja Isso dá-me a esperança de que o Século XXII vai ser um grande século literário

Nesta altura escreverei uma peça de Teatro —definitiva.

RAMADA CURTO

LER E ESCREVER

1 Foi agora publicado pelo sr. João Carlos Beckert de Assunção. «Em demanda do Grã-Cataio», profusamente ilustrado. A obra é incluida na colecção «Grandes Aventuras Portuguesas.

2 «Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes Rodrigues», no qual se reunem mais alguns elementos de psiquismo do poeta da «Mensagem». Interessante lêr a genese do «Orfeu».

3 O centenário do romancista dos «Maias» não passou despercebido aos espanhois. Com o titulo: «Vida de Eça de Queiroz», o escritor Enrique Segura trouxe, na sua lingoa, uma eloquente homenagem.

4 Prossegue com toda a regularidade a publicação dos «Cadernos Historicos», de Rocha Martins e Lopes de Oliveira. O terceiro intitula-se «A Liberdade Portuguesa» e refere-se á revolução de 1820.

5 Em colecção Atlantida, o dr. Cabral Moncada traduziu um dos livros mais famosos de filosofia, de Friedrich Freiherr von Weizsacka, com o titulo «Para uma concepção fisica do Universo».

6 «Para além da Bruma», outro livro de novelas, subscrito por Fernando Morgado de Andrade. Pintura exacta, por vezes, feroz de certos meios. Entre outros contos, leia-se «Rua do Norte» e o «Barco que lança a ancora». Populismo extreme.

7 Obra cultural que se deve registar. A tradução do latim, de «Um discurso», de André de Resende, pronunciado no colegio das Artes, em Coimbra. Versão modelar de Gabriel de Paiva Domingues.

«PATAMAR»

NOVELAS

de Guedes de Amorim

Guedes de Amorim está hoje em plena efloreseencia criadora. Depois de dois livros de novelas, admiravel galeria de tipos e de casos, arrancados á vida, com uma intensa emoção, publicou agora um terceiro, «Patamar», que se pode dizer, ser o coroamento da sua obra literaria. O romancista poderoso e vibrante da «Aldeia das Aguias», que a Academia das Ciências coroou com o «Prémio Ricardo Malheiros», não traiu os louros. conferidos, nem as esperanças que a sua geração lhe confiou. O novelista como se tornou o escritor, e mais do que isso, o defensor, dos deserdados e dos miseraveis. Comunga com a sua alma, enxuga-lhes as lagrimas, ausculta-lhes as dores, numa palpitação tão ardente de sofrimento, que nós sentimos que ele lhes fez o dom da sua consciência e do seu talento. Por vezes os seus contos são verdadeiras águas fortes, de um relevo dramatico, em que as figuras se levantam da gleba, em gestos espectrais; outras, doces e carinhosas aguarelas, de uma tonalidade alacre e aliciante. Guedes de Amorim, em «Patamar», dá-nos uma serie de contos, que o afirmam um dos melhores do genero. Em traços rápidos, nervosos de acção real, traça uma cena, evoca um caso, ou equaciona o conflito, encontrando sempre um fecho inesperado. Não lhe escapa um segredo dessa arte tão dificil de narrar. E psicologo, que sabe exprimir o sentido mais profundo da existencia, Guedes de Amorim atinge, sem esforço, a perfeição da maneira. O seu estilo é sobrio, mas denso—transluzindo de verdade. «Patamar», com o seu titulo simbolico, merece ser lido.

OS NOSSOS CONTOS

Ansia de voar

por **Pedro Moreira**

São duas irmãs, inconfundiveis no fisico e desiguais no moral. Uma é magra, tem a volupia do moderno, a leveza duma andorinha e o sangue na guelra, a outra é gorda, reflectida, sentimental e guarda em si a pálida lembrança duma imagem de amor que ficaria melhor na folha dum album como uma borboleta morta. A primeira chaam-se Magda que aproveitou a minha visita para desabafar:

—Não suporto a tirania imposta pelos nossos hábitos de estar sempre metida em casa a vêr quem passa na rua pelas grades desta prisão. Decididamente não nasci para freira, quero ser livre, respirar ar puro, viver a vida do meu tempo.

—Mas que tenho eu com isso, minha gentil amiga?

—Ah, desculpe se o enfado, trazia a alma tão oprimida que só no campo poderia encontrar o bálsamo consolador para o estado mórbido em que jazia. Ontem, de manhã, atraída por um sol resplandecente, saí de casa muito saturada. Durante algum tempo hesitei no modo de espairecer, sacudindo a letargia profunda que me abatia. Por fim tomei um autocarro com destino á Portela de Sacavém. Seguia a meu lado um desconhecido que parecia triste e pensativo. Ao levantar os olhos para mim, sorriu com indiferença. Daí a pouco mudou de tática e expandiu-se, alimentando a conversa num tom despretensioso. Quando chegámos ao aeródromo convidou-me a tomar uma ligeira refeição.

Sua irmã ouvia distintamente a exposição de Magda e interrompeu-a, dizendo:

—Ena! Uma tal gentileza na época que atravessamos é para a gente se pôr logo de sobre-aviso. E' claro que declinaste o convite...

—Bem te enganas.

—O quê?! Aceitaste assim o convite, sem mais nem menos, dum homem que não conheces?

—Pois aceitei, e tu, se tivesses o apetite que eu levava não farias o mesmo, minha santinha de pau caruchoso?

—Não brinques com coisas sérias, porque eu não seria capaz duma aventura dessas. Podia ser um valdevinos habituado a lançar a escada á primeira mulher que encontra no caminho e até um carteirista que acabasse de assaltar qualquer desprevenido.

—E porque não um homem de negócios, um capitalista ou um principe encantado?

—Se calhar era algum «D. Juan» dos muitos que aparecem por aí colados ás esquinas...

—Escuta, Olga, o que te vou dizer:—Há momentos duma força prodigiosa de atracção e este foi daqueles que se não podem descrever á luz do teu critério.

(Continua na pag. central)

DIA DE OUTONO

Senhor, é tempo. Grande foi o verão.
Cobri com as vossas sombras o relogio
do sol e, sobre os campos,
deixai correr os ventos.

Fazei que os derradeiros frutos se encham;
dai-lhes ainda mais dois dias quentes,
para que á perfeição possam chegar,
e sobre os vinhos fortes que se escoem
as ultimas doçuras estivais.

Quem ora não tem lar, nunca o terá.
Quem está só, sê-lo-á por largo tempo.
E há-de velar e ler e longas cartas
escreverá tambem e, pelas áleas,
dum lado para o outro, em inquietação,
vagueará, emquanto as folhas caem.

RAINER MARIA RILKE

Crítica Literária

Esta crónica destina-se a ser uma crónica de repouso: um comentário leve, como de quem conversa, acerca de obras que a gentileza dos seus autores (e, num só caso, dos editores) fez chegar ao comentador profissional, sem esperarem sobre ela, decerto, uma crítica na verdadeira acepção do termo. Afastam-se algumas dessas obras daqueles géneros literáriamente definidos, aos quais pode aplicar-se, mais ou menos falivelmente, uma concepção geral do fenómeno literário, em grande parte fundado na intuição. (Bem sei que a simples palavra *intuição* horroriza e indigna muito boa gente. E não ignoro tambem que, como já disse um critico, intuição não basta. Mas quem dá o que tem...). Valha, pois, em favor do cronista a boa vontade com que se curvou sobre temas e aspectos distantes, em alguns casos, da sua sensibilidade e dos seus habitos de leitura, forçosamente limitados por asperas e momentosas condições de tempo, além de outras compreensiveis limitações.

* * *

O Japão através da sua literatura, de César dos Santos (Biblioteca Cosmos—Lisboa) é um trabalho de vulgarização inteligente e honesto.

«Se a história nos elucida quanto á odisseia dos povos na sua evolução através dos tempos, é a Literatura que dá o verdadeiro conhecimento da sua mentalidade, pois emquanto aquela não é mais do que a narrativa de factos que a observação e os conceitos dos historiadores podem alterar, restringindo-se, por isso, a certos limites das conveniencias rácicas ou patrióticas, na Literatura, que tende para o universalismo, se revelam espontaneamente aspirações intimas, sentimentos recalcados, crenças, habitos, o modo de ser das multidões, seus defeitos e virtudes—a sua psicologia, em suma». Assim reza o pequeno prefácio.

(Continua na pag. seguinte)

ROMANCE, POESIA E ENSAIO

CRÍTICA LITERÁRIA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

por João Pedro de Andrade

Sobre alguns livros e opúsculos de matéria vária

(Continuação da pag. anterior)

Não é o momento de discutir quais são os pontos justos e quais os especiosos desta concepção, que mais adiante reaparece, rematando uma evocação sombria da história recente do Japão. Aí se ressuscita aquela tese exposta por Eça de Queirós no prefácio dos *Azulejos*, e que os seus amigos acharam exagerada. «A Arte é tudo—tudo o resto é nada», escreveu o autor de *Os Maias*. César dos Santos, identicamente, exaltando os livros em desfavor dos acontecimentos, comenta: «Tudo o mais se perde e nada resta na eternidade dos séculos».

Os recentes acontecimentos de que o Japão foi protagonista certamente contribuiram a adensar a estranheza com que naturalmente olhamos esse povo. A frase de Venceslau de Morais: «Todo este Nippon—Arte, povo, planta e bicho—é uma deliciosa mascarada...» parece-nos hoje extremamente benévola. No presente momento não podemos achar qualquer especie de compatibilidade entre o Japão e o adjectivo *delicioso*.

César dos Santos escreveu o seu livro quando os sucessos actuais tinham já tocado o ponto mais alto da trajectória histórica a que vimos assistindo. Alguns dos seus periodos afastam-se da história literária para fazerem a história de acontecimentos, talvez demasiado próximos para que possam ser vistos na sua perspectiva. Por outro lado, o sistema que se impôs para justificar o titulo do livro, justifica a intromissão de dados históricos que, amiude, dir-se-ia nada terem a ver com a literatura... Mas têm, é claro. O que pode, porventura, falhar no autor, é o encontro das causas profundas com a superficialidade brilhante, a explicação da estranhissima alma japonesa através da sua poesia das suas obras de ficção, do moralismo extreme de alguns dos seus livros mais representativos. «Cantar aqui—diz ainda o autor de *Dai-Nippon*—é uma forma comezinha de exprimir a ideia, que é, geralmente, como ideia de um povo panteista, a glorificação das coisas». Os exemplos dessa furia lirica são-nos ofertados em pequenos trechos de prosa e verso. Do ponto de vista desta literatura, que aos nossos olhos ocidentais parece ter mudado pouco pelos séculos fora, os japoneses aparecem-nos como almas delicadas, propensas às sensações subtis, procurando recolher significados profundos das impressões fugidias e transformando em preceitos morais a expressão dos pequenos incidentes da vida. Apesar de todas as revoluções literárias que permitem dividir em várias épocas a literatura japonesa, o que resta das suas produções das épocas entre nós consideradas arcaicas conserva ainda uma frescura que debalde procuraremos na literatura coeva do ocidente. Essa frescura, porém, fala mais á sensibilidade do que à inteligencia, e dificilmente se compreende como obras dum género *aparentemente futil* (a apreciação é de César dos Santos) perduram ainda após nove e dez séculos.

Apesar da conhecida submissão da mulher japonesa, grande numero de autores nipónicos são do sexo feminino.

Outra das surpresas que encontramos no decorrer da leitura, é a da existência do género romanesco em pleno século X, sendo ainda uma mulher a autora da primeira novela escrita em lingua japonesa.

Os impulsos para a expansão imperialista tambem encontram ecos na lira nipónica, que nem mesmo aqui deixa de ser delicada e simples. Se não há noticia de nenhuma grande epopeia japonesa, a partida dos soldados para a guerra, os horrores dos campos de batalha, a ausência dos entes queridos, a própria exaltação patriótica revelam-se em poemetos cheios de bucolismo em que se fala do *Jardim das batalhas*, se evoca a côr e o perfume das violetas dos valados e se compara o fluir das gerações à florescência das cerejeiras...

Apesar diso, o autor de *O Japão através da sua literatura* afirma que «os poetas são sempre, em cada fase caracteristica da evolução mental do povo, os verdadeiros representantes da alma japonesa». Não há que duvidar da existencia de tamanha doçura nos sentimentos e costumes do Japão, mas nas frequentes transcrições dos mais caracteristicos trechos da sua literatura clássica, como na copiosa informação do movimento literario moderno, não se vislumbra traço daquele pendor para a guerra já denunciado por Fernão Mendes Pinto nem a «gente educada desde longa data, na tradição da contenda e da desordem», como o insuspeito Venceslau de Morais definiu os seus dirigentes, parece ter encontrado os seus equivalentes, embora com a competente sobrecarga de sublimação, nos suaves cultores da poesia dos *haikais*.

Afigura-se-nos, pois, que para o estudo da literatura japonesa, mais que para nenhuma outra, há que separar as suas manifestações espirituais das manifestações propriamente vitais, isto é, daquelas que, traduzindo porventura agressiva e desordenadamente as necessidades essenciais da sua existencia, tão largo e profundo sulco têm deixado na história.

Aparte este aspecto ingrato do seu trabalho, César dos Santos deu-nos um estudo pormenorizado, tanto quanto o consentia o restricto espaço de que dipunha. Os seus capitulos sobre literatura moderna e contemporanea informam-nos detidamente das preferencias e das correntes dos modernos escritores japoneses. Mais do que as enfiadas de nomes exóticos, interessam-nos sobretudo as caracteristicas da literatura dos ultimos lustros, em que, a par dos cuidados formais, parece esboçar-se uma consciencia que transcende os quadros da literatura e abrange os mais elevados ideais sociais.

* * *

No seu opusculo *As Sociedades humanas e o ambiente geográfico* (Livraria Bertrand-Lisboa), e com o sub-titulo *Anotações em parte sugeridas pela leitura de Oliveira Martins*, expõe o sr. dr. Luiz Schwalbach os seus pareceres acerca da correlação existente entre os aglomerados populacionais e as condições climatéricas e fisiográficas. A clareza, a simplicidade e a elegancia das suas afirmações despertam o interesse do leigo por este género de problemas. Frequentemente, aliás, eles se nos deparam ao espirito através de fórmulas vagas, e nos juizos simplistas com que se forjam as soluções, mal se vislumbra a soma de esforço e de estudo que representa a simples enunciação das probabilidades. Num momento histórico em que a tempera dos diversos povos foi posta à prova em acontecimentos que não deixaram indiferente nenhum país nem nenhuma raça, todos nós aventurámos pareceres tendentes a condenar ou a exaltar a acção deste ou daquele povo, que na contenda universal desempenhou tal ou tal papel. Houve, é certo, juizos absolutórios, que fixavam em causas estrictamente politicas as demasias de certas nações, numa negação da psicologia dos povos que não era, talvez, o argumento mais condizente com as espantosas manifestações colectivas que o mundo apreciou e que tão rudemente sentiu. Mas, se nas opiniões comuns interferem em muito as tradições e o grau de cultura dos diversos países não andou delas ausente a ideia que nos habituámos a fazer sobre o ambiente geográfico de cada um.

O livinho do d. Lpiz Schwalbach, sem nos conduzir directamente ao encontro de tais problemas no estado critico em que eles se mostraram durante a ultima guerra (apenas num paragrafo se faz referencia à teoria do *espaço vital*, oriundo duma das «vastas generalizações» a que o tema deu lugar), tem como uma das suas principais virtudes o não nos impor soluções, ficando-se no carear de elementos para o estabelecimento duma ciência que parece não ter encontrado ainda o ponto fixo para o seu desenvolvimento futuro.

As opiniões de Oliveira Martins sobre o problema, expostas em várias das suas obras, ofereceram ensejo para esta digressão. Sem desrespeito pela memória do grande historiador e artista, antes mostrando em cada página em que o cita a sua admiração, o sr. dr. Luiz Schwalbach aponta, no entanto, a relativa dispersão, e, por vezes, aparente contradição das ideias do autor da *História da Republica Romana*, aproveitando o que nelas há de coordenação para sugerir as conclusões finais, que admitem «um determinismo geográfico atenuado».

Desejariamos, pessoalmente, que, no fecho do seu trabalho, em vez da dupla transcrição de trechos de obras diferentes de Oliveira Martins, ainda estas não conducentes ao encontro dum critério uno, o ilustre professor nos desse explicitamente as suas próprias conclusões, aliás brilhantemente definidas no decurso do seu livrinho. No entanto, tratando-se dum especialista do assunto versado, é de assinalar a ausência de paixão com que regista a concorrência dos mais diversos factores na formação das psicologias colectivas. Tamanha isenção, quando nos habituámos a ver cada especialista proclamar a origem de todas as manifestações vitais—quando não a panaceia para todos os males—na disciplina em que é mestre, é duplamente de aplaudir: pela serenidade que dessa forma ganha a sua exposição, e pela possibilidade que aos profanos é oferecida de assimilarem os seus ensinamentos, em igualdade com os de disciplinas diferentes, sem que da parte do expositor haja o aceno que convida a considerar a sua teoria a melhor—ou a unica boa.

Um pouco de assustar pelas dimensões—apesar do aliciante titulo—é esta *História da Mentira através dos tempos* (Depositários: Edições Cosmos) que Cristiano Lima e Almeida e Sousa escreveram. O aspecto pesado, contudo, é apenas exterior. Lá dentro encontra-se recheio anecdótico, com base na lenda e na história, em capítulos curtos e de fácil leitura.

Decerto o tema daria ensejo para obra de mais pulso, embora de menos humor. A riqueza de aspectos que envolve a intromissão da mentira nas determinações dos homens e as consequências históricas daí advindas, poderiam forjar muitos volumes.

Abordam os autores muitas das diversas mentiras famosas, desde as que presidiram á formação dos povos até ás que transitóriamente ocuparam a atenção dos homens, para se esconderem, envergonhadas da sua ineficácia. O tom leve do comentário está por vezes prestes a tornar-se protesto indignado. Os autores, porém, ladeiam o obstáculo, quer dizer, dominam a indignação para se manterem no comentário ameno, ligeiramente céptico, com que empreenderam a obra, e que não nos engana quanto á honestidade visceral dos seus intuitos.

Mentiras mitológicas, mentiras religiosas, mentiras de conveniência histórica, mentiras construtivas e destrutivas, mentiras vitais e mortais, mentiras certas e mentiras duvidosas, universais e locais, de todos os géneros elas passam nestas páginas que se esforçam por ser bem humoradas, e que o são muitas vezes, embora amiude—principalmente no que diz respeito a mentiras da história portuguesa, menos conhecidas como tal—deixem um travo melancólico e desiludido.

Cristiano Lima é um jornalista de multiplas aptidões, crítico e dramaturgo, que não desesperei ainda de ver firmar uma obra séria e condizente com as suas qualidades. Almeida e Sousa soube cingir a sua personalidade á do seu colaborador neste livro de forma a que não possa saber-se a qual deles se devem as páginas dum ou doutro.

Num pequeno prefácio os autores mostram-se conscios de quanto é relativo o alcance do livro que escreveram, e de como lhes seria necessário alargar o ambito do seu empreendimento para que este merecesse o nome com que, á falta de melhor, baptizaram a obra.

* * *

Com o opusculo *Ensino superior e investigação cientifica*, do dr. A. Celestino da Costa, iniciou o Centro Bibliográfico, de Lisboa, as suas edições. Trata-se duma conferência realizada há um ano na Escola Superior de Medicina Veterinária.

O comentador, que hoje reuniu aqui alguns dos livros de matéria que desborda da sua competência (supondo-se que tenha de facto alguma), limita-se neste tão sómente a assinalar o tom convincente do conferencista, e a registar como, para um tema atrair a atenção de alguém a quem só possa interessar na medida em que lhe interessam as diversas actividades alheias á sua (melhor, ás da sua especial predilecção), basta que tal tema seja exposto com aquele poder de persuação que abate as fronteiras do espírito, como as verdades universais abatem as fronteiras politicas.

Expõe o prof. Celestino da Costa a correlação existente entre o ensino superior e a investigação cientifica, e pondera o muito que ainda se pode fazer no sentido de tornar mais intimas essas duas actividades, isto é, de evitar que o professor continue sendo um brilhante divulgador da ciência alheia, e que o investigador se resigne ao relativo isolamento dos resultados que consegue. A questão é encarada em diversos aspectos, que o expositor apresenta com uma serenidade e uma argucia que muito concorrem para a impressão final, que é a de lhe assistir inteira razão.

Anda avisadamente o Centro Bibliográfico, trazendo para o grande publico noções de outra forma condenadas a ficarem no conhecimento restrito de meia duzia de interessados. Este primeiro trabalho inicia a sua colecção «Conferências».

* * *

Outra conferência, esta pronunciada já há cerca de cinco anos constitue o recheio do opusculo *A Arte e a Vida*, que faz parte da colecção *Cadernos Azuis* (Livraria Latina Editora—Porto) e sai agora em 2.ª edição. Já em tempo me referi detidamente noutro lugar, a este trabalho de António Ramos de Almeida. E tive então ocasião de dizer quanto ele me agradara.

Anos volvidos, esta conferência aparece-nos, e o autor assim a classifica, como «um documento». Não que as verdades que ela exprime hajam caducado, ou que as suas premissas gerais tenham sido desmentidas ou sequer atenuadas. O panorama é, porém, hoje um pouco outro, e, na ordem de ideias do opusculo, alguma coisa mais haveria a dizer. Poderia verificar-se, nas tendências gerais da nossa literatura (só de casos literários trata o autor), uma maior aproximação da realidade, até mesmo por parte de alguns dos que Ramos de Almeida aponta como cultores duma literatura divorciada da vida.

Quís o autor, contudo, conservar a sua conferência tal como a concebeu, escrupulo digno de louvor, visto tratar-se duma obra já chegada ao conhecimento do publico, e o seu pensamento posterior poder ser desenvolvido em obras futuras. Parece-me, contudo, que numa revisão criteriosa poderia ter evitado erros tipográficos, ortográficos (em alguns nomes próprios) e estilisticos, que não julgo dignos de serem perpetuados e se arriscam a perturbar alguns daqueles junto dos quais pretende agir o presente trabalho. Ramos de Almeida cuida pouco deste aspecto dos seus escritos e é pena, porque o aspecto formal envolve uma espécie de moralidade literária.

Quanto ao conteudo, continuo a achar, como achei há quatro anos, que Ramos de Almeida trouxe para a crítica do fenómeno estético o processo dialéctico—que, acrescentarei agora, não teve até agora continuadores persistentes, nem neste autor se continuou. A dispersão dos esforços dos jovens escritores portugueses—cada um deles é romancista, contista, poeta e crítico—tem obstado a que a nova geração dê um crítico capaz de explicar, de interpretar e de julgar, através dum processo muito reclamado mas pouco seguido, o movimento literário português actual.

Sobre as artes plásticas, a indecisão é ainda maior. Ramos de Almeida dedica-lhes apenas alguns magros periodos, em que, no entanto, resolutamente denuncia o seu afastamento da realidade. Mas de ordinário os poucos que de tal se ocupam hesitam entre a aceitação total da arte moderna (talvez pelo receio de serem acusados de antigos) e as fundas restrições que do ponto de vista dialéctico (e porque não simplesmente humano?) haveria a opor á imensa maioria das suas produções.

Os anos que mediaram desde que Ramos de Almeida proferiu esta conferência até hoje não terão enriquecido a sua experiência ao ponto de ela nos surgir com um livro, mais informado e completo—e também mais afastado das fontes que lhe inspiraram certos argumentos e certa terminologia sobre o movimento literário e artístico desta era que se inicia? Eis o que seria sobremaneira interessante.

Como há quatro anos, continuo a afirmar: «António Ramos de Almeida parece-me um dos mais indicados para a obra de orientação e renovação crítica que se impõe».

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

Regras para aprender a Língúa Portuguesa

segundo o

Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro de 1945

elaboradas pelo Prof. Dr. Estevão Pinto

Livro indispensavel aos estudantes dos liceus, colégios e escolas. Grande auxiliar nas Repartições Publicas, escritórios, contendo além das regras um pequeno vocabulário de nomes comuns e de nomes próprios, divisão silábica e frases de aplicação

Preço Esc. 7$50

à venda nas livrarias e

no depósito: **Livraria Franco**—Rua de Barros Queirós, 14-18—Lisboa

JÁ ESTÁ Á VENDA A 2.ª EDIÇÃO DE

«A MORTE LENTA»

por EMILE HENRY

Com prefácio de DOMINGOS MONTEIRO

Narração dramática de um sobrevivente do célebre CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE BUCHENWALD

A brutalidade da Gestapo através de páginas de trágico realismo

A primeira obra do género publicada em Portugal, com fotografias cedidas pelos Serviços dos Exércitos Americanos e Francês

A 1.ª EDIÇÃO ESGOTADA EM 12 DIAS

Em todas as livrarias — Um vol. broch. 20$ 0

EDITORIAL IBÉRICA

PORTO - R. de Santo Ildefonso, 379 - Telef. 4501

IMAN

OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da 2.ª pag.)

—Não sei ao certo o que se passou, todavia tenho a impressão de que, qualquer que seja a importancia do acto que cometeste, não pode deixar de merecer a minha reprovação.

—Ah! Ah! Ah! Não te dê cuidado o que foi passado entre mim e esse rapaz. Só te digo que passei uma manhã estupenda. Trata-se dum arrojado aviador que quis voar comigo. A descolagem foi rápida.

«Por instantes o receio dum desastre apoderou-se de mim. A' maneira que o aeroplano subia, a pouca altura, libertei-me de apreensões. Lentamente, foi voando, voando, fazendo-me gozar um grandioso espectáculo que não podia imaginar-se. Não fazes ideia dos aspectos pitorescos da paisagem que me foi dado contemplar, os quais formam um admirável conjunto recortado pela linha sinuosa dos rios a serpentear por montes e vales, destacando-se aqui e além praias risonhas beijadas pelas ondas do mar, onde, lá ao longe, os navios me pareciam brinquedos. Quanto mais alto subia o aparelho tanto menos a minha vista alcançava, no vasto horizonte, a policromia de tons estampados naquele tapete interminável. Se tivesses, quando aterrámos, como ele se mostrou radiante ao estender-me a cigarreira repleta dos seus cigarros favoritos! Deu-me a impressão do heroi que acaba de vencer uma batalha.

—Mas quem é afinal, esse aéreo conquistador?

—Não estragues o meu passeio delicioso com as tuas impertinências. Com certeza que não era um «ás» dos mais afamados. Que te importa o nome se o não conheces? Não se apagará jámais da minha memória visual a beleza do panorama nem a sensação que experimentei no meu baptismo de voo feito nas melhores condições atmosféricas.

—Agora deixa-se contar a recordação inolvidável que tenho dum mero da aviação. Uma noite no Casino de Espinho fui arrastada por uma amiga até á sala de jogo. Entre a assistência reparei num simpático cavalheiro que jogava fortemente em maré de sorte. A principio, olhei-o por mera curiosidade de o vêr ganhar, depois observei-o com interesse e por fim senti-me subjugada por uma força estranha que dele irradiava. Trocámos olhares, proferimos palavras amáveis; vi que o seu rosto se incendiava ao falar, fulguravam-lhe as pupilas e a sua boca fresca era um verdadeiro cofre de pecados. Arrisquei apenas uns parcos escudos, retirando-me para o salão de baile, onde se dançava doidamente. Mal me tinha sentado, o primo Ernesto veio tirar-me para uma valsa e em seguida apareceu o afortunado da roleta daquela noite que, conhecendo o Ernesto, lhe pediu uma apresentação. Era um tenente aviador com quem dancei animadamente algumas vezes. A' despedida atirou-me um madrigal e ofereceu-me o seu cartão. Nunca mais os meus olhos o viram. Pressenti que devia ser um estoira vergas dado a demasiados modernismos e que, embora a minha figura lhe não tivesse desagradado, estava longe de ser a mulher do seu ideal. Estou persuadida que lhe terias agradado inteiramente, visto a tua leviandade me dar direito a chamar-te uma cabecinha de avelã. Os aviadores são diferentes dos outros homens, talvez devido ás alturas a que se elevam, arriscando a vida, mas, enfim, oxalá sejas mais feliz do que eu.

—Ficas já sabendo que se ele me não aparecer, sou capaz de o ir procurar nem que seja á China. Dê lá por onde der, hei-de encontrá-lo. Quero continuar a voar com ele.

—Não serei eu que to impeça, mas vê lá não haja alguma avaria que te queimes nas chamas do avião...—toma cuidado com isso e não te esqueças do que escreveu Branca de Gonta Colaço:

«Flirt» é um io dourado
Sobre um rio atravessado.
Todo luz
Amor é o nome do rio
Quem não sabe andar no fio
Catrapuz!

PEDRO MOREIRA

«Arte Portuguesa»

de João Barreira

João Barreira admirável evocador de motivos de arte e de beleza, cuja prosa tem um fulgor irradiante de oiro lavrado, iniciou agora a publicação de uma obra que deve ficar como um repositorio magnificente da nossa arquitectura, estatuaria e pintura. Intitula-se «Arquitectura Portuguesa», publicação dividida em 12 fasciculos, na qual os nossos velhos monumentos, retabulos e esculturas encontrarão a sua voz sincera e ardente, através de uma alta interpretação estética, que não exclui um sentido de objectividade historica. No primeiro fasciculo, o dr. João Barreira começa uma introdução, clara de conceitos e bem planificada de elementos, que denomina Evolução Estética. Posteriormente, tratará, entre outros temas, do mosteiro de Alcobaça, Jeronimos, Batalha, arte manuelina, dois retratos de imaginários, habitação em Portugal, presépios de barro, João de Castilho, etc. A obra é profusamente ilustrada. Edições Excelsior.

O CARIL Flor de Lotus
não engana o bom paladar

E' preciso fomentar o aumento da produção de leite

(Continuação da 1.ª pag.)

pretendo demonstrar, antes pelo contrário, que tal processo tenha viabilidade económica. Porem não me parece que os problemas económicos devam ser resolvidos senão por técnicos de economia. Ninguem mais do que nós, técnicos, lamenta o afastamento de especializados dos assuntos para que se especializaram e, para mais, á custa do Estado, como no caso citado na entrevista recente com o sr. Filipe Rodrigues, dos ilustres agrónomos que se encontram simplesmente a dirigir as frutas. Mas, livre-nos Deus, ainda assim, de se dar o contrário: para ilustres agrónomos dirigindo, embora optimamente, industrias de lacticinios; e veterinários, tão especializados como aqueles, a dirigirem as frutas!

O fundo do problema consiste na escassez de leite

—Que nos diz da acuidade do problema dos leites e lacticinios? Por que razão faltam o leite e os produtos lácteos e surgem tantas reclamações?

—Tudo se resume a uma questão de produção do leite, que é insuficiente para as necessidades totais do País, quer para consumo directo quer para a industria, apesar destas necessidades serem minimas, quase ridiculas, em confronto com as capitações estrangeiras, principalmente no que diz respeito ao consumo do leite em natureza. Portanto, tudo o que conduza a uma politica de fomento leiteiro será de indiscutivel utilidade. Ainda há dias, o meu ilustre colega Vieira de Sá trouxe a publico que a nossa capitação é de *três centilitros*, índice perfeitamente irrisório, principalmente se o compararmos á média de cerca de *cinco decilitros* encontrada nas principais estatisticas estrangeiras. Ainda que nos contentássemos com uma capitação dum decilitro, isto é, *um quinto* do que se bebe lá fora, teriamos que ver aumentada a nossa produção de quase quatro vezes, isto sem contar com as necessidades da industria. Note-se que não vou ao ponto de acreditar que o consumo de leite em natureza possa atingir entre nós indices semelhantes aos de certos países com grandes capitações. Os gastos capitais são, em regra, função da tradição pastoril, que é quase nula em Portugal. São os povos pastores os que gastam mais leite, como é natural, pois ai escasseiam os outros alimentos. Portugal, pode dizer-se, não tem *interland, habitat* natural dos rebanhos, e, sendo como disse o saudoso Afonso Lopes Vieira, «Simples pretexto para um litoral...», o português tem uma tradição alimentar piscatória, dispensando por isso mais fácilmente o leite. Isto basta para explicar o maior custo de produção do leite em Portugal, ficando da mesma forma apontada a razão de ser do seu sub-consumo.

A política de fomento do leite

—Como entende então que deve ser orientada a tão necessária política de fomento leiteiro?

—Como sabe, não podendo o leite ser importado, é preciso dispôr as coisas de modo a criar o menor numero de embaraços á produção, estimulando-a, e importando todos os produtos agricolas coloniais, como o milho, cuja cultura na metróple, sendo muito mais cara, resulta sempre em prejuizo da produção leiteira, e os «tourteaux» de farinhas, tão necessários ao embaratecimento duma produção especializada, isto é, de vacas melhores produzindo leite mais barato. Há que praticar com persistência e dedicação a técnica da produção, seleccionando e alimentando racionalmente os animais produtores, tarefa onde cabem todas as colaborações, não só de agrónomos e veterinários, mas também das unidades industriais ou, para me servir das palavras do dr. Joaquim Pratas, urge iniciar uma inteligente e duradoura obra de fomento planificando a economia agropecuária».

Depois:

—Entretanto, um dos embaraços, e dos mais evidentes, que se nota nas regiões produtoras é a existência de zonas artificiais de produção industrial, obrigando produtores e industriais a viver dentro dum círculo de ferro, para além do qual todos os esforços resultam nulos, como uma mosca lutando contra a vidraça. Boas ou más as zonas tiveram a função de criar a protecção suficiente á instalação de concentrações industriais «algumas delas já em plena laboração» suficientemente apetrechadas, mas não sumptuosas. Agora, com a recente autorização para que o leite possa ser pago acima dum minimo estabelecido, criou-se, automáticamente, um estado aberrativo quanto aos preços da matéria prima de zona para zona, o que coloca em franca e injusta desigualdade os lavradores de zonas vizinhas.

—Que processo considera mais conveniente?

—Parece evidente que o unico processo de obstar a tal aberração está na supressão imediata do regime de zonas, se é que, como todos estamos convencidos, elas foram criadas apenas com aquela intenção, em regime transitório e, tanto assim, que nunca sequer se efectivavam os reajustamentos previstos.

E esclarecendo:

—Aliás, há que ter em consideração que o preço unico, anteriormente em vigor, desproporcionadamente baixo em relação a outros produtos agricolas, arrastou a queda da produção, principalmente onde esta era mais cara, desequilibrando o rendimento previsto de cada industria e, tanto assim que, embora possa haver alguma que se encontre a laborar as quantidades atribuidas pela litragem legal, muitas se encontram a laborar em proporções de cerca de metade do que fora calculado. São estes os factos e não podem restar duvidas de que, com ou sem tabelas, haverá sempre industrias a quem, mercê de melhor preparação técnica, será possivel obter melhores proventos, donde possam sair beneficios evidentes para a lavoura, manifestados em fomento leiteiro imediato ou mediato. O levantamento das zonas tem ainda a vantagem, sob o ponto de vista da produção em geral, repartindo o mal pelas freguesias, de evidenciar ás industrias agora mais favorecidas, a vantagem que teriam em suprir, por uma política de fomento, estimulada por quem de direito, as faltas de leite que porventura venham a sofrer, até se atingir o natural equilibrio, que se me afigura muito mais breve do que pode parecer á primeira vista, antes, talvez, da inevitável importação de queijos e manteigas.

E, concluindo as suas afirmações, o sr. dr. António Madureira diz-nos:

—Em ultima análise, estão em jogo os superiores interesses do publico consumidor que precisa de leite e da lavoura. Deve esta ser ouvida, pois, melhor do que ninguém, ela sabe onde lhe doi. E as suas queixas devem ser de molde a formular o diagnóstico e a terapeutica...

Um problema relacionado com a crise de habitação

Um dos assuntos de momento é o grave problema da habitação que preocupa, de uma maneira geral, todo o publico. Em todas as conversas o assunto surge como sendo um dos que mais urgente se torna resolver.

Quem tem necessidade de alugar uma casa, em geral os casais novos que se formam, depara com a grave perplexidade da casa extremamente grande ou extremamente pequena.

Sabendo que Luís Magão, sócio gerente da Casa Meiolandia na Av. Duque de Avila, 30, se tem dedicado com êxio ao estudo da adaptação de casas modernas com um espirito prático, novo e dinamico, pensamos que seria curioso ouvi-lo e dizermos aos nossos leitores o resultado dessa conversa.

Procurámos o sr. Luís Magão no seu estabelecimento e encontrámo-lo no escritório, rodeado de papeis, desenhos, planos e assediado de pessoal.

—Não lhe roubamos tempo... Temos ouvido falar (dissemos ao entrar) nas suas lindas mobilias e no aspecto de novidade que elas representam, como sendo uma das mais inteligentes e engenhosas conquistas de economia de espaço e por isso queriamos ouvi-lo.

—Na realidade, hoje não é o dia mais indicado para isso. Como vê, estou cheio de trabalho, mas... Sabe? depois da minha estadia no estrangeiro, o problema da habitação, não só no aspecto da construção como no que é respeitante aos interiores, tem-me preocupado, as casas pequenas são as mais procuradas e nestes tempos em que as familias não são tão numerosas como outrora e que exigem uma vida mais dinamica, é natural que assim seja. Dentro das linhas do mobilário antigo, as casas pequenas tornam-se um problema. Foi por isso que os fabricantes de móveis resolveram as dificuldades. Hoje, a industria de mobiliario é uma industria baseada em principios sociais. Dirigindo a Casa Meiolandia, foi isto que tive em mente: realizar móveis elegantes, espaçosos, económicos e que se adaptem ás novas plantas das habitações.

—E qual a reacção do publico?

—Excelente. O publico procura sempre aquilo que sabe ser feito para ele. A nossa casa é hoje uma das casas que mais vende. As donas de casa gostam dos nossos móveis que nem sempre formam o clássico conjunto de mobilia, mas sim um conjunto elegante e cómodo. Além disso, os nossos móveis são baratos e vendidos tambem de acordo com as exigencias económicas dos tempos que correm

—Claro.

—Um só movel tem às vezes muitas aplicações. Temos realizado interiores de casas só com 4 divisões e creia que os seus donos se sentem ali admirávelmente. Um quarto de dormir pode ser tambem studio de trabalho e uma sala de bom gosto pode ser casa de refeições, casa de estar e até quarto para os amigos ou visitas. Como vê, natural que os nossos modelos sejam tão apreciados.

—...

—Mas, meu amigo (atalhou Luís Magão)... e o tempo?

—E' verdade, tem razão. Não é justo. Ficamos-lhe já muito gratos.

Luís Magão acompanhou-nos até à porta e assim tivemos ensejo de ver as oficinas e o estabelecimento da Casa Meiolandia que é, sem duvida, uma das melhores oficinas de móveis no nosso país.

Na marcação de um pontapé de c

FUTEBOL COM A R. A

A selecçã

treinou no E

A defesa do Estoril suporta uma carga de Felix, sendo a bola devolvida por Fragateiro

Efectuou-se hoje, no Estádio Nacional, um novo treino da selecção militar que jogará contra a R. A. F. no próximo dia 17. Serviu de grupo treinador a «équipe» do Estoril Praia.

UM NOVO LIVRO
de Veva de Lima
destinado a grande êxito

A inconfundivel personalidade literária e os primores de forma da ilustre escritora D. Veva de Lima, bastam para assegurar a esta sua nova publicação, que se intitula sugestivamente

O unico vencido da vida que tambem o foi da morte

o maior interesse do publico, dando-lhe a conhecer a biografia de Carlos de Lima Mayer, cujo previligioso talento foi reconhecido por todos os demais

VENCIDOS DA VIDA

1 volume de 248 páginas, com gravuras ... ... 35$00

EDIÇÃO DA LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA, LTD.ª

A' venda em todas as Livrarias

nto, Valongo defende a soco

l. F.

militar

hoje

stádio Nacional

Ao grupo militar faltaram vários elementos: Peyroteo, Cardoso, Barrosa e Manuel Marques, com pequenas lesões; Quaresma, que não chegou a tempo de alinhar, e José Lopes, por doença.

Os grupos apresentaram, portanto, a seguinte formação:

«Equipe» militar—Capela; Mateus e Feliciano; Serafim, Felix e Francisco Ferreira; Moreira, Mário Coelho, Cabrita, Salvador e Rogério.

Estoril—Valongo; Alberto e Eloi; Cassiano, Oliveira Vieira e Fragateiro; Lourenço, Vieira, Mota, Osvaldo e Raul Silva.

Dirigiu o desafio Carlos Canuto e esteve presente o sr. major Ribeiro dos Reis, directores da Federação e muito publico que seguiu interessado as diversas fases do treino.

Marcaram-se vários *goals*, mas o árbitro, louvàvelmente, tirou ao jogo o possivel espírito de competição, anulando-os ou fazendo marcar nessa altura pontapés de canto ou de «saída».

O desafio-treino teve apenas a duração de uma hora, com um pequeno intervalo aos 30 minutos. Na segunda parte, Francisco Ferreira jogou apenas 5 minutos, passando Mateus para a linha média e o estorilense Pereira para a defesa. Nas balizas do grupo militar—Eduardo Santos substituiu Capela.

O treino serviu, evidentemente, para melhor adaptação dos seleccionados, mas todos jogaram de molde a concluir-se que o grupo não sofrerá alterações.

Segundo o sr. major Ribeiro dos Reis, que ouvimos no fim do treino, Cardoso alinhará ao lado de Feliciano, e o facto resolve, por certo, algumas dificuldades.

O jogador africano Melão chegou ontem a Lisboa

Com destino ao Sport Lisboa e Benfica, chegou ontem a Lisboa, vindo de Luanda, o jogador Melão, que poderá ocupar no clube lisboeta o posto de interior direito ou esquerdo.

Trata-se de um rapaz de 24 anos, de côr, no tipo de Espirito Santo, e sabe-se que é dotado de melhor habilidade para o futebol.

A nova direcção do Benfica toma hoje posse

Está marcada para hoje, ás 21 e 30, a posse da nova gerência do Sport Lisboa e Benfica, de que fazem parte, entre alguns novos, elementos que muito contribuiram já para o prestigio do popular clube.

A nova direcção, como se sabe, é presidida pelo sr. Manuel Afonso, que já desempenhou identico lugar há alguns anos.

UNIÃO NACIONAL

A comissão executiva da União Nacional iniciou a reorganização da U. N. em todo o país. Os trabalhos devem ficar concluidos ainda dentro do corrente mês. Foram nomeados novos presidente e vice-presidente da Comissão Distrital de Vila Real e aprovou-se a constituição de comissões concelhias de Faro, Loulé, Albufeira, Beja, Moura, Porto de Mós, Castanheira de Pera, Alvaiazere e Batalha. Tomou-se também conhecimento da organização de várias comissões de freguesia nos concelhos de Porto de Mós, Castanheira de Pera, Alvaiazere e Batalha.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

A crise de generos alimentícios

que ameaça várias regiões da Terra

dá origem ás mais sérias apreensões

LONDRES, 6—Com titulos tais como «Defrontamos a crise do pão», «A alimentação volta para a austeridade do tempo da guerra», «Gorduras, pão e outros géneros vão ser racionados», «Smith fala da grave crise», «A Grã-Bretanha pede á O. N. U. para defrontar a crise da alimentação»—a Imprensa britanica, sem excepção dum só jornal, anuncia e comenta as declarações feitas ontém na Camara dos Comuns e difundidas ontém á noite pela rádio por sir Ben Smith, ministro da Alimentação, sobre a crise mundial de géneros e a necessidade de reduções no racionamento britanico. O «Times» declara que a escassez de cereais em todo o mundo, revelada ontém pelo ministro da Alimentação, terá surpreendido o publico tanto quanto surpreendeu o chefe da oposição, Anthony Eden, que protestou contra a circunstancia de ss terem ocultado factos conhecidos pelas autoridades responsáveis há um mês.

Além da escassez provocada pelo mau tempo em várias partes do mundo, o «Times» observa que nalguns países, tais como a India, a falta de chuvas destruiu as searas e a esperança de melhores abastecimentos. Também a desorganização japonesa diminuiu a produção do arroz, o que torna necessário maior quantidade de trigo para substituir aquele. O «Times» insiste em que apenas uma pronta revisão internacional das necessidades mundiais e dos meios de fazer face a estas necessidades, como preludio de uma «gigantesca operação combinada», indicada pelo ministro Smith, pode afastar o perigo que ameaça agora muitas regiões da Europa e da Asia e consideráveis partes da Africa.—(R..).

A Argentina procura exportar carne

BUENOS AIRES, 6.—A população da Argentina deve ser solicitada a consumir menos carne, de forma a deixar maiores quantidades para exportação para a Europa, segundo se anunciou ontem, na reunião do ministério. O comercio de cereais com os países vizinhos foi discutido ontem na mesma reunião do ministério que tratou igualmente da atitude da Argentina para com a UNRRA.—R.).

O «Times» critica os processos da O. N. U.

LONDRES, 6—O «Times», em artigo de fundo, manifesta hoje apreensões relativamente ás futuras deliberações da O. N. U. sobre os problemas das nações se o actual sistema se mantiver. Apenas o «Times», o «Manchester Guardian» e o «Yorshire Post» comentam hoje os recentes processos da O. N. U. O articulista do «Times» observa que enquanto a questão da Pérsia foi solucionada «provisóriamente», relegando-se a negociações directas entre as partes interessadas, sem qualquer resolução que reforçasse o Conselho de Segurança, surgiram os casos infelizes da Grécia e da Indonésia. Antes do caso da Grécia ser resolvido e antes de se começarem as discussões sobre a Indonésia, surge agora o apelo da Siria e do Libano contra a presença das tropas britanicas e francesas naqueles territórios. Entretanto, o primeiro-ministro do Egipto, falando no Parlamento, declarou que o pais se reservava o direito de também submeter o seu caso ao Conselho de Segurança.

O articulista conclui dizendo: «A ideia de que a solução de disputas desta natureza pode obter-se submetendo os casos a um debate publico internacional, será pouco apoiada por aqueles que conhecem alguma coisa da politica internacional».

Comentando a atitude da Russia na questão da Grécia, o «Times» declara que — em vista da acusação soviética ter sido apresentada quando pouca base havia para criticas — não pode deixar de tratar-se de uma represália. Manobras desta natureza, se se repetirem com frequência, podem abalar as bases da O. N. U., trazendo factos sem qualquer realismo para serem debatidos. O articulista do «Times» conclui: «A O. N. U. pode apenas funcionar enquanto a sua intervenção se dê em questões politicas de grande importancia entre as maiores potências. Se assim não acontecer, a O. N. U. está condenada ao malogro e pode mesmo transformar-se num perigo para a paz.—(R.).

A APLICAÇÃO DE CAPITAIS

na Grã-Bretanha

LONDRES, 6—Foi rejeitada ontem, á noite, na Camara dos Comuns, por 323 votos contra 142; uma emenda ao projecto de lei do Governo para a fiscalização sobre aplicação de capitais.

O projecto foi depois lido segunda vez.

A emenda declarava que dando ao Governo poder permanente sem fiscalização para impor normas ao produtor, viria dificultar o desenvolvimento industrial. O chanceler do Tesouro, Hugh Dalton, disse que o projecto era necessário para impedir as lutas pelo capital, verificadas após a outra guerra.—(Reuter).

A falsificação do génio

A primeira página do «Sempre Fixe» de hoje é uma esplendida «charge» de Francisco Valença a um facto passado recentemente com o pintor holandês van Meegéren.

A página gráfica de Botelho «Ecos da semana» é dedicada á ópera.

Magnifica, como sempre, a página desportiva, com prosa, verso e desenhos,—«Rebola a bola».

Numero avulso: $50. Assinaturas: Rua da Rosa, 57, 2.º, (telefones 20271, 20272 e 20273).

Os julgamentos

em tribunal colectivo

não devem fazer-se este mês

Mudou-se ontem paa o edificio do Tribusal da Boa Hora o 5.º Tribunal correccional, antigo 8.º Juizo Criminal, que funcionava no palácio do Calhariz.

O 9.º Juizo Criminal, que constituirá o 6.º Tribunal Correccional, deve ser transferido do Calhariz para a Boa Hora ámanhã.

A nova Reforma Judiciária tem provocado um enorme trabalho de organização de todos os processos para julgamento. E, em resultado de certas divergências, realizou-se, no tribunal da Boa Hora, uma reunião de juizes, sob a presidência do desembargador sr. dr. Oliveira Pires, a fim de se assentar numa interpretação igual a dar em todos os tribunais.

Ainda não tomaram posse um juiz e um delegado do Ministério Publico que hão-de constituir o tribunal plenário.

Do Tribunal Militar Especial de Santa Clara têm sido transfecidos para a Boa Hora centenas de processos por questões políticas, assambarcamentos e outros delitos contra a Economia Nacional.

Em resultado da referida Reforma e da posse de novos juizes que não têm tido tempo para estudar os processos, tudo leva a crer que não se possam fazer ainda este mês os julgamentos em tribunal colectivo, realizando-se apenas aqueles a que corresponde prisão correccional.

Fotografias da polícia inglesa

PORTO, 6.—Amanhã, ás 18 horas, será inaugurada, no Instituto Britanico, na rua do Breyner, uma vasta e curiosa exposição de fotografias da Policia Metropolitana Inglesa, que poderá ser visitada todos os dias uteis, das 10 e 30 ás 12 e 30, e das 14 e 30 ás 19, até ao dia 16 do corrente.

Filmes de cirurgia americana

Efectua-se hoje, ás 21 e 30, no anfiteatro de Anatomia da Faculdade de Medicina, a exibição do primeiro duma série de filmes de operações realizadas por cirurgiões americanos.

Notícias desportivas

Prossegue hoje, ás 22 horas, a assembleia geral ordinária do Sport Club do Porto.

—No Centro Universitário do Porto está em organização uma secção de pugilismo.

Bombeiros Voluntários de Ermezinde

No próximo sabado, 21, realiza-se a assembleia geral ordinária dos Bombeiros Voluntários de Ermezinde, para apreciação e aprovação de contas e eleição dos novos corpos gerentes.

O crime da Rua da Vitória

Conforme noticiámos, realizou-se ontem o julgamento do negociante de minerio Afonso Ferreira Adrega de Freitas, de 22 anos, que, em Novembro do ano passado, assassinou, com dois tiros de pistola, Maria Manuela, de 27 anos, e que em seguida tentou pôr termo á existência. O reu foi condenado a 4 anos de prisão maior celular ou na alternativa em 6 anos de degredo em possessão de 1.ª classe e a mil escudos de imposto de Justiça. Recolheu á cadeia.

Colhido por um carro de bois

Foi apanhado pelo rodado de um carro de bois que conduzia, tendo recolhido ao hospital, o moço de lavoura Antonio Soares, de 14 anos, da Senhora da Hora (Matozinhos), que apresenta um grave ferimento, com extenso descolamento na perna direita.

Coral Polifónico dos Fenianos

O ensaio do ultimo andamento da «Sinfonia de Abril», de Cesar Morais, realiza-se ás 21 horas da próxima sexta-feira, na Rua Augusto Rosa. Hoje, ás 21 e 30, há ensaio de tenores e baixos no Clube Fenianos.

Socorro Social

Amanhã, das 11 ás 17 horas, são recebidas, na Junta de Freguesia da Sé, as cautelas de penhores resgatadas pelo Socorro Social, referentes a objectos empenhados anteriormente a 30 de Novembro ultimo, devendo ali comparecer os habitantes daquela freguesia. Os da freguesia da Cedofeita devem comparecer na mesma junta na próxima sexta-feira.

Pedro Bordallo Pinheiro

Passou hoje o 4.º aniversário da morte do nosso querido amigo Pedro Bordallo Pinheiro, cuja recordação permanece viva em todos que trabalham no «Diário de Lisboa». Por sua alma, rezaram-se hoje duas missas na igreja dos Mártires, uma no altar de S. José, mandada dizer por sua familia e celebrada pelo padre Joaquim Baltazar, e outra no altar-mór, pelo padre Pedro Marques e mandada dizer pelo conselho de administração da Renascença Gráfica. A uma e outra assistiram a sr.ª D. Elisa Carneiro Bordallo Pinheiro, viuva de Pedro Bordallo, sua filha, sr.ª D. Maria Teresa Carneiro Bordallo Pinheiro Pereira da Rosa; dr. Joaquim Manso, director do «Diário de Lisboa»; Alfredo Vieira Pinto, do Conselho da Renascença Gráfica; dr. Guilherme Pereira da Rosa, subdirector de «O Século» e também membro do Conselho da Renascença Gráfica, senhoras da familia e da sua amizade, amigos intimos do saudoso extinto, e representantes de todas as secções do «Diário de Lisboa».

D. JOÃO DE BOURBON

Consignado á embaixada de Espanha, chegou a Lisboa, vindo de Madrid, um luxuoso automovel «Packard» que será posto á disposição de D. João de Bourbon para o seu serviço particular enquanto estiver em Portugal.

Aubrey F. G. Bell

o grande especialista inglês de literatura portuguesa tambem dá a sua contribuição num explendido estudo sôbre o autor da «Reliquia», no Livro do Centenário de Eça de Queirós, editado por livros do Brasil, Rua Vitor Cordon, 29.

CAMINHANDO JUNTOS!

A arquivista moderna e o sistema de organização de correspondencia **«SEEL VERTICAL VISIVEL»**, tornam num prazer o que era trabalho fastidioso.

Um sistema de organização de correspondencia racional e simples, que lhe dá um maior rendimento de trabalho e um aumento de lucros.

SOCIEDADE EQUIPAMENTO DE ESCRITORIO, L.da

P. dos Restauradores, 53, 1.º — Tel. 2 4986 — Lisboa
No Porto: ED. PINHEIRO TORRES & IRMÃO
R. dos Clerigos, 44 — Tel. 7171

BIDONS NOVOS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

em todos os productos de nosso fabrico

Bidons especiais «In-Lack» para transporte de agua-rás

Pedidos de informações e preços à

UNICA FABRICA LEGALMENTE AUTORIZADA EM PORTUGAL

SAPEM

Sociedade Anónima Portuguesa de Embalagens Metalicas

RUA DA EMENDA, 26-1.º LISBOA TELEF. 2 1338

OS MEDICOS RECOMENDAM

Bovril

Bovril é conhecido pelos médicos como o «melhor **fortificante**». A sua acção efectua-se sem demora, permitindo gozar o prazer de outros alimentos e aumentar o beneficio que eles possam dar. **Bovril** é o melhor dos **reconstituintes**

A' venda em todas as Mercearias, Farmácias, Drogarias, etc.

Rua das Flores, 22

A. L. SIMÕES, L.da

LISBOA Telef. 2 3850

Praça de toiros de Santarem

Arrenda-se para a exploração da época tauromáquica do corrente ano.

As condições estão patentes na Secretaria da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, em todos os dias uteis das 10 ás 12 e das 14 ás 18, devendo a arrematação ter lugar no dia 20 do mês de Fevereiro próximo, pelas 15 horas, na mesma Secretaria, por meio de licitação verbal.

A Mesa reserva o direito de não fazer a adjudicação, caso a maior oferta não convenha.

Trabalhos tipográficos

Executam-se com perfeição e rapidez. Calçada de Santana, 181.

"55" o Batôn da Moda realça a belesa

Liquidação de T. S. F.

Liquidam-se vários rádios c/ gramofone Paillard, de 1945, baratissimos. R. José Estevam, 133.

CABOS DE AÇO

BRUNTONS

(MUSSELBURGH) LIMITED

DE TODAS AS QUALIDADES
PARA TODAS AS APLICAÇÕES
NO MAR EM TERRA

ARAME E CABOS DE AÇO INOXIDÁVEL

Aceitam-se encomendas — Entregas rápidas

C. SANTOS LDA.

29 · AVENIDA DA LIBERDADE · 41 · LISBOA

ETP

DINHEIRO

EMPRESTA-SE

dando-se o maximo sobre todos os objectos
R. Duque de Palmela, 11
á R. Alexandre Herculano

PAPAVICAL

O melhor reconstituinte

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de Ferro.

TINOCO
PORTO

TINOCO serviu Lisboa; Lisboa consagrou TINOCO!

Em todas as perfumarias de Lisboa V. Ex.ª encontrará os produtos de beleza e perfumarias desta consagrada marca.

DEPOSITARIOS EM LISBOA:
Trav. da Queimada, 28

MÁQUINAS DE SOMAR

CONSULTE *sempre a*

SCARF

Teatros e Cinemas

Outros tempos

Em 19 de Dezembro de 1895, publicava «A Critica» a seguinte local:

«Reuniram-se ontem pela terceira vez, nas salas da «Revista Teatral», empresários, autores dramáticos e actores, a fim de resolverem sobre a maneira de representar ao Governo pedindo o tributo das companhias estrangeiras».

Houve larga discussão e acabou por ficar resolvido por maioria que se elegesse uma comissão para tratar do assunto, mas fazendo-se primeiro um projecto de reforma para o Teatro. E a comissão foi eleita por unanimidade, com os nomes de: Eduardo Schwalbach, Augusto Rosa, Carlos Borges, Urbano de Castro e Colares Pereira.

«A Critica» termina a noticia com este comentário:

«Fazemos justiça á iniciativa dos cavalheiros escolhidos e ao interesse que devem ter pela arte nacional, mas desde já podemos afirmar que esta questão, levantada briosamente pelos ilustres directores da «Revista Teatral», está completamente morta. Que depois de se representar ao Governo pedindo o imposto para as companhias estrangeiras se nomeasse uma comissão para estudar a reforma do teatro nacional, perfeitamente, mas que se espere pela reforma para se pedir o imposto, é tudo o que há de mais incoerente.

Daqui a dez anos deve estar alguma coisa resolvida».

«A Critica» enganou-se nós cálculos. Passaram os dez anos e passaram-se mais quarenta e um e a classe continua á espera do prometido regulamento. Mas vem. Roma e Pavia não se fizeram num dia...

EFEMÉRIDES

1904: Representa-se pela primeira vez, no D. Amélia, o «vaudeville» em 3 actos, original de Gandillot, tradução de Eduardo Garrido, «O Subprefeito de Chateau Buzard», com a seguinte distribuição: «Leopoldo, criado de Jorge», Augusto Rosa; «Jorge subprefeito», Henrique Alves; «General de la Charniere», Cristiano de Sousa; «Fisonier», João Gil; «Dulaurier», Lagos; «Guy Somovar», António Pinheiro; «Bretillon», Augusto Antunes; «Policia», Francisco Sales; «Outro policia», Sales; «Limonette», Lucilia Simões; «Noémia», Josefa de Oliveira; «Ursula, criada», Cecilia Neves.

Fouché e Talleyrand

os dois ministros de «Napoleão»

Samwell Diniz e Raul de Carvalho

E' esta noite, ás 21 e 30, que sobe á cena, no teatro D. Maria, a célebre peça de Paul Raynal, «Napoleão», que Norberto Lopes traduziu e que a empresa Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro montou com todo o rigor exigido pela época em que decorre, numa encenação de Lucien Donnat.

Reaparecem nesta peça os dois gloriosos artistas Palmira Bastos e Alves da Cunha, que tanto lustre dão á companhia do teatro Nacional. Palmira tem a seu cargo o papel de «Madame Mère», ou simplesmente «Madame», como era tratada a mãe do imperador. Alves da Cunha encarna pela primeira vez a figura de Bonaparte. Adelina Campos será a imperatriz Josefina. Samwel Diniz vai desempenhar o papel de Fouché e Raul de Carvalho o de Talleyrand. Dois actores inteligentes e estudiosos vão, certamente, dar-nos duas composições admiráveis nos dois ministros de Napoleão, que contribuiram menos para a sua grandeza do que para a sua ruina.

A dama que estava de serviço á mãe do imperador no dia em que recebe a visita de Josefina e de Bonaparte (2.º acto da peça de Paul Raynal), sabe-se que era a duquesa de Abrantes. Ela própria o confessa nas suas Memórias, que Paul Raynal seguiu em muitos passos da sua obra. Desse pequeno papel encarregou-se amávelmente Maria Corte Real.

Tal é o conjunto que vai interpretar esta noite, na Casa de Garrett, a famosa peça de Paul Raynal, que ainda há pouco tempo viu representada na «Comédie Française» a sua ultima obra, «A Souffert sous Ponce-Pilate», que foi tão discutida pela critica francesa.

Lauri Volpi

Pede-nos o eminente cantor Lauri Volpi que manifestemos o seu profundo reconhecimento ao publico que ontem enchia o Coliseu pela cavalheiresca compreensão do estado de saude que lhe impediu poder continuar a cantar.

Atras do reposteiro

A nova tradução da comédia «A Madrinha de Charley», que sobe hoje á cena no Apolo, é de Luiz Galhardo (Filho).

—Ainda esta época voltá á cena a opereta «A Rosa Cantadeira», para reaparição da actriz Amália Rodrigues. Esta peça alcançou grande exito no Brasil.

—A actriz Luiza Satanela vai cantar um fado na revista «Travessa da Espera», do Maria Vitória, original do compositor João Nobre.

—A actriz Saluquia Rentini, que só tem trabalhado na provincia, estreia-se ainda esta época em Lisboa, numa das companhias de Piero.

—A companhia da empresa do Maria Vitória, que andou em «tournée» e da qual faz parte o actor Carlos Leal, trabalha hoje, ámanhã e depois, na Covilhã, e nos dias 11 e 12 em Gouveia.

—Dois dos numeros de maior exito do programa da Hora de Variedades realizada no Liceu de Camões, foram a «Festa dos Aventais» e «Assim nasceu o Fado», cantados respectivamente por Cidalia Meireles e Maria Clara. Estes dois numeros são da autoria do maestro Jaime Mendes.

—José Galhardo, Vasco Santana e Luis Galhardo (filho) começaram a escrever uma revista paar a época de Primavera, cujo destino será oportunamente noticiado.

—Ainda não está decidido se realmente se fará no teatro Variedades a anunciada reposição da opereta «O Colete Encarnado».

—Diz-se que é possivel queo teatro da Feira Popular seja explorado, este verão, por uma organização prestigiosa.

—Vai ser em breve filmada a opereta «A Invasão», possivelmente com Vasco Santana e Mirita Casimiro nos mesmos papeis que criaram no teatro.

Cinema nacional

Aida Baptista, primeira figura do grupo cenico «Os Combatentes», será a pimeira figura do filme «Quando manda o coração», cujas primeiras filmagens se anunciam para os primeiros dias de Março. E' a produção n.º 1, de Cinefilmes.

RECINTOS DE DIVERSÕES

No Olimpia Club estreia-se hoje Maruja del Camino gentil artista cancionista e bailarina.

—No Ritz Club realiza-se hoje um baile de mascaras com a colaboração de todas as artistas e das Hermanas Soler que ontem se estrearam com grande êxito.

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 30—«Napoleão».
TRINDADE—A's 21 e 45—«A Massaroca».
AVENIDA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«O Pão de Ló».
VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Alto lá com o Charuto!»
COLISEU—A's 21 e 30—Festa artistica de Tito Schipa.
CASABLANCA—A's 21 e 30—«Music-Hall».

CINEMAS

S. LUIZ—«Ter ou não ter».
TVOLI—«Com todo o meu Coração».
EDEN—«Soldados sem Uniforme».
POLITEAMA—«José do Telhado».
GINASIO—«Sonho Musical».
PALACIO e ODEON—«A Casta Susana».
CAPITOLIO—Festa da Casa da Comarca de Arganil.
TERRASSE e LYS—«Tempestade Mortal».
REX—«Perfidia».
OLIMPA—«Meu Amigo o Lobo».
JARDIM—«Bailarino por Amor».
PROMOTORA—«Suprema Decisão».
R. AMADORA—«Caixinha das Surpresas».

ESPECTACULOS NO PÔRTO

SA' DA BANDEIRA—«A Bonequinha do Porto».
S. JOÃO—«Henrique V».
RIVOLI—«A Loira Incendiaria».
AGUIA DE OURO—«Pesadelo».
Trindade—«Laura».
OLIMPIA—«Laura».
JULIO DINIZ—«Mademoiselle Bonaparte».
CARLOS ALBERTO—«Um perigo em cada porto» e «Aves de Fogo».
SA' DA BANDEIRA—«A Bonequinha do Porto».

Tito Schipa

o «divo dos divos», faz hoje a sua festa artistica no Coliseu, em récita extraordinária, para despedida da Grande Companhia de Ópera Italiana

O extraordinário tenor Tito Schipa

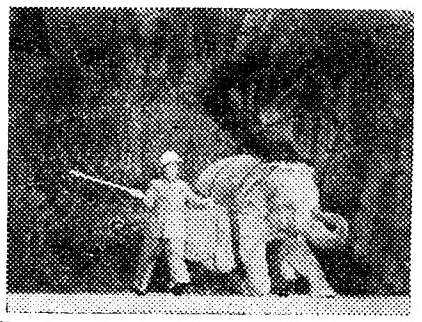
A Grande Companhia de Opera Italiana, uma das mais distintas e mais categorizadas organizações liricas de todos os tempos que veio a Lisboa, numa magnifica embaixada de arte, mostrar ao publico grandes e celebres artistas, despede-se hoje, irrevogavelmente do publico da capital, com uma recita extraordinária em que se faz a festa artistica do grande «divo» Tito Schipa, esse tenor de voz inconfundivel e cuja arte lirica é a maior, a mais elevada, a mais extraordinária afirmação do génio, arrebatando o publico em constantes aplausos. Pois Tito Schipa canta, e canta como nunca, o 2.º acto da ópera «Manon», interpretando a lindissima romanza do «Sonho», o 3.º acto da ópera «Werther», com a sua inspirada romanza «Ah! non mi ridestar», e o 2.º quadro do 3.º harmoniosa romanza «Una furtiva lágrima».

A seu lado, o grande soprano de fama mundial Onélia Fineschi, o notavel meio soprano Gilda Alfano e o insigne baritono Giuseppe Menachinni.

O eminente maestro Pedro de Freitas Branco rege a orquestra na execução das óperas «Manon» e «Werther» e o grande maestro Nicola Rucci, a ópera «Elixir de Amor».

Circo

A Grande Companhia de Circo Knie, da Suiça, estreia sexta-feira, no Coliseu



Um dos 11 elefantes do celebre domador Knie apresentado por Frederick Oheme

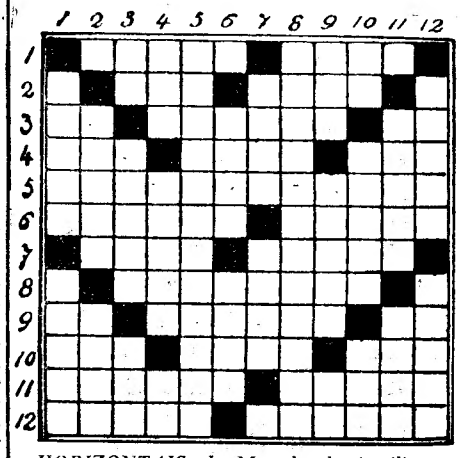
Vai chegar novamente o circo a Lisboa. Alegrem-se as crianças e os adultos porque pela pista do Coliseu vai desfilar toda a variedade de um grande, de um interessantissimo espectaculo de maravilha, de alegria e de ficção, com seus palhaços ruidosos, seus animais domesticados, seus numeros variados de inéditismo moderno, acrobatas arrojados e equilibristas inconcebiveis de realização.

Dentre em pouco abrem-se as largas portas da grande casa de espectaculos, da mais popular e concorrida casa de divertimentos de Lisboa, para que o grande publico possa ver e aplaudir e entusiasmar-se com o extraordinario circo Knie, a mais gigantesca organização do genero que nos tem visitado, composta de grandes atracções internacionais, entre as quais uma troupe de onze elefantes amestrados, de chimpanzés sábios, de ciclistas sério cómicos, de notabilissimos malabaristas, de Bijoux, o fenómeno zebra-asno que se não deixa montar, de uma audaz trapezista inglesa, de sensacionais patinadores sobre pedestal, dos Hermanos Pajares, celebres palhaços musicais, de notaveis malabaristas a cavalo e de um ruidoso numero de «cow-boys» Hopi-Kiowa Trio, com seus cavalos selvagens em liberdade e as suas perseguições movimentadas com jogos indios.

Que ninguem falte ao Coliseu na sexta-feira, onde se estreia esta sensacional companhia de circo.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1222



HORIZONTAIS—1—Morada de familia nobre e antiga. Cidade capital de pais europeu. 2—Textualmente. Videira. 3—Preposição. Disfarce. O mais. 4—Duzentos e um romanos. Partir. Somei. 5—Perpetrariamos. 6—Morfeias. Salmoira. 7—Origens. Gota. 8—Raparia. 9—Ceu. Seira grande. Pronome pessoal. 10—Autor. Reduzem a farinha. Preposição e artigo (pl.). 11—Pousou na água (o avião). Guarneçam. 12—Carumas. Cosera directamente sobre o fogo.

VERTICAIS—1—Mil setecentos e cinquenta romanos. Opas. 2—Soem. Ramagem. 3—Artigo definido. Não divisivel por dois. Seguiam. 4—Lirio. De bronze (pl.). Batráquio. 5—Encostassemos. 6—Quadrupedes domésticos. Deu pios. 7—Tombar. Suspenda. 8—Sofrearamos. 9—Capa. Das Musas. Reis. 10—Funesta. Aliada. Nome de mulher. 11—Venero. Importunar. 12—Nome de mulher. Vinte mãos de papel.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1221

HORIZONTAIS: 1—Rifas. Sifão. 2—Ora. Obi. Erg. 3—Dá. Tia. Ui. 4—Amassas. 5—Medi. Reca. 6—Resvalara. 7—Maus. Sila. 8—Sainete. 9—Cê. Ohm. Só. 10—Aia. Dôa. Sol. 11—Usado. Sarro.

VERTICAIS: 1—Rodem. Macau. 2—Ira. Era. Eis. 3—Fá. Adeus. Aa. 4—Omissão. 5—Sola. Iodo. 6—Biscainho. 7—Sias. Emas. 8—Babaste. 9—Fé. Série. Sr. 10—Aru. Cal. Sor. 11—Ogiva. Amolo.

TUNA COMERCIAL DE LISBOA

A Tuna Comercial de Lisboa vai realizar hoje um concerto, na festa que a Casa de Figueiró dos Vinhos organiza a favor do seu cofre de beneficência, no Capitólio.

Tem dôres de cabeça, cuja causa ignora?

Doi-lhe a cabeça?
Sente-se triste, deprimida fatigada logo ao levantar?
Tudo isto são, provavelmente, indicios de prisão de ventre.
Pouco importa que as suas funções intestinais sejam regulares. O intestino pode funcionar pontualmente e eliminar incompletamente. Ficam venenos que passam ao sangue e intoxicam o organismo. Uma boa maneira de combater a prisão de ventre consiste em tomar, todas as manhãs, uma «pequena dose» de Sais Kruschen (apenas o que fica na ponta de uma faca).
Os Sais Kruschen obrigam o intestino a expulsar, todos os dias, os detritos e venenos acumulados. O sangue conserva-se puro e os incómodos, devidos á intoxicação atenuam-se dia a dia. Os Sais Kruschen vendem-se em todas as farmácias a Esc. 10$50 e 17$00, cada frasco.

SÁ DA BANDEIRA
TEL. 2595
A opereta popular de grande espectáculo
A Bonequinha do Porto
com Salúquia Rentini, Erico Braga, Soares Correia, Maria Salomé, Alberto Reis, Domingos Marques, Elvira Velez, etc.

COLISEU DO PORTO TEL. 5196
6.ª FEIRA. Estreia da
Grande Companhia de Opera Italiana
de que fazem parte as maiores celebridades liricas

NEON
ABILIO QUEIRÓS & C.ª L.DA
RUA DE SANTA CATARINA, 130
TELEFONE 4986 PORTO

S. JOÃO Telef. 2458 — Em 2.ª semana — HENRIQUE V
Aguia d'Ouro — O filme PESADELO com Deana Barrymore
Rivoli Tel. 2788 — A's 21 e 30 — Em 2.ª semana — A Loira Incendiária com a explosiva Betty Hutton
TRINDADE Tel. 4412 — A's 21 e 30 — Um filme mundialmente célebre
OLIMPIA Tel. 533 — «LAURA» com Gene Tierney
JULIO DINIZ Telefone 9559 — A's 21 e 30 — Estreia da grandiosa revista-opereta Fantasia Branca
CARLOS ALBERTO Telefone 4540 — A's 21,30 — Um perigo em cada porto e Aves de Fogo

A Jugoslávia vai pedir

na Assembleia da O. N. U.

que Trieste passe para aquela Federação

LONDRES ,6—A rádio de Belgrado anunciou que o marechal Tito telegrafou à delegação jugoslava à assembleia da O. N. U., enviando instruções para que peça a inclusão de Trieste na Federação jugoslava, baseando o pedido na Carta do Atlantico. A rádio acrescentou que este pedido era apoiado pela Bulgária e que os jornais bulgaros publicam artigos exigindo que Trieste pertença à Jugoslavia devido á sua situação geográfica e politica. Os jornais bulgaros afirmam que Trieste em poder dum Estado não balcanico pode tornar-se testa de ponte para um ataque à peninsula balcanica.—(Reuter).

A O. N. U. atravessa uma crise

LONDRES, 6 — A O. N. U. acha-se verdadeiramente numa crise. As previsões optimistas do começo da tarde de ontem, os contactos dos «5 Grandes» resultaram num dilema pelo qual o Conselho de Segurança tirará a Vishinsky, delegado soviético, o seu poder de veto, ou não poderá dar a Bevin uma clara decisão sobre o procedimento da Grã-Bretanha na Grécia, a clara decisão que ele pediu.

Quando Modzelewski, em nome da Polónia, propôs o adiamento imediato para se discutir o novo plano, tornou-se imediatamente claro que tinham falhado as tentativas para se chegar a uma fórmula em que o Conselho pudesse resolver a questão grega.

Supõe-se que o adiamento de quase 24 horas, ao fim do qual os delegados pareciam embaraçados, foi gasto em nova analise dos argumentos já usados na discusão publica de ontem, á noite. As esperanças de se chegar a um compromisso não foram aparentemente abandonadas, mas como na Lancaster House, no outono passado, a procura de uma fórmula que consiga conciliar todas as maneiras de ver tornou-se agora uma prova de resistência. O intervalo dado pelo adiamento de 24 horas é util, principalmente porque permite aos delegados receberem novas instruções. A' base das actuais instruções, torna-se claro que o bêco sem saida é completo. Os circulos bem informados de Londres nunca pensaram que Bevin estivesse preparado para retirar do Conselho sem a afirmativa de que a presença das tropas britanicas na Grécia não constitue uma ameaça para a paz mundial. Vishinsky não deseja igualmente admitir a possibilidade de que lhe seja negado o direito de usar o seu veto.

O plano polaco de uma moção que serviu de ponto de apoio para aquilo que virtualmente foi uma sessão secreta dos «5 Grandes» deve ter consistido na declaração simples de que o Conselho tomava nota daquilo que ambas as partes tinham dito sobre o assunto em discussão e passava ao assunto seguinte da agenda.

Esta fórmula tende claramente a evitar a necessidade de qualquer voto sobre a substancia que viria reabrir a questão do veto das grandes potências em ambos os pontos apresentados ontem: o reconhecimento pedido por Bevin de que não havia ameaça para a segurança internacional; e, por outro lado, a referência á retirada das tropas britanicas que a delegação soviética tencionaria pedir.

E' claro que Bevin, agindo por instruções do gabinete britanico, se recusou a aceitar a redacção polaca. Não se sabe se se apresentaram quaisquer propostas alternativas.—(R.).

A Austrália

não consente

que os Estados Unidos mantenham uma base na ilha de Manus

CANBERRA, 6.—Sabe-se de fonte autorizada que a Austrália recusará aos Estados Unidos o direito de manter uma base militar na ilha de Manus. Procurará uma emenda nas clausulas do acordo do mandato que proibe a Austrália de estabelecer bases militares naquela ilha, com o objectivo de dispôr de uma posição defensiva avançada. Mantem-se em principio que a Austrália devia proceder sem pedir autorização ao Conselho de Curadoria da O. N. U., mas já se estabeleceu contacto para obter esse consentimento.—(R.).

O acordo

inter-partidário na China

é o começo

de uma ampla cooperação

CHUNG-KING, 6 — O presidente Chang-Kai-Chek declarou ontem na conferência á Imprensa, que o recente acordo inter-partidário para um Governo de coligação na China era «apenas o principio do periodo de cooperação entre os partidos politicos da China».

Quando lhe perguntaram qual a avaliação do poder dado ao Kuomintang no Governo de coligação e a sua forma de encarar o futuro do Kuomintang, o presidente respondeu:

—Não se trata apenas do gráu de poder, mas do gráu de responsabilidade.

Acrescentou que o Governo de coligação reorganizado tomaria conta do poder depois da segunda sessão plenária da Comissão Executiva Central no dia 1 de Março. O Governo tencionava retirar-se para Nanquim antes de Maio, mas declarou que Chung-King continuaria a ser a capital permanente conjunta que ele visitaria, pelo menos, uma vez por ano.

Tratando dos assuntos externos, o presidente revelou também que estão em curso «discussões informativas» entre a China e a Russia sobre concessões económicas. Todavia, não houvera ainda discussões formais, neste momento, para realizar concessões económicas á Russia além das dadas a conhecer no tratado sino-soviético.

Revelou igualmente que o Governo chinês estava a tratar do envio de tropas chinesas para tomarem parte na ocupação do Japão.—(R.).

Embaixador chinês em Itália

CHUNG-KING, 6.—O dr. Yu Chun Chi, consul geral em Nova York, foi nomeado embaixador da China junto do Governo italiano.—(R.).

Reuniu-se o Governo inglês

afim de estudar uma solução

para a crise levantada pela questão persa

LONDRES, 6.—O redactor diplomático do «Daily Mail» diz que se não se encontrar uma solução para as divergências russo-britanicas relativamente á Grécia, no Conselho de Segurança da O. N. U., «será necessário que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ernest Bevin, fale energicamente. Pode mesmo ser levado a apresentar um ultimato, embora esta atitude esteja sujeita a uma grande divergência de opiniões».

O articulista acrescenta: «Ontem, á noite—depois de se ter chegado ao ponto morto da discussão do problema da Grécia, pelos delegados das cinco grandes potências—Bevin pediu ao primeiro-ministro, Clement Attlee, que convocasse uma reunião especial e urgente do Gabinete esta manhã, a-fim de considerar a situação e examinar as consequências que tenham de ser defrontadas».

O articulista declara que Bevin foi obrigado a tomar esta atitude, visto que foi á reunião do Conselho com instruções precisas do Gabinete britanico para que apenas uma completa satisfação da parte da Russia poderia bastar ao Governo britanico.—(Reuter).

O objectivo da reunião

LONDRES, 6.—Realizou-se esta manhã a reunião especial do gabinete britanico para discutir a atitude tomada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Ernest Bevin, sobre o problema da Grécia na sessão secreta de ontem á noite, dos «5 Grandes» do Conselho de Segurança.

O redactor politico da agência Reuter diz que a reunião ministerial de hoje é considerada nos circulos politicos como sendo, provávelmente, a tentativa final para procurar uma solução que permita sair do ponto morto a que se chegou, entre a Grã-Bretanha e a Russia. Supõe-se aqui que o chefe da delegação russa, Andrei Vishinsky, também esteve em contacto com o Governo de Moscovo.—(R.).

A Austrália procura

arranjar trigo PARA EXPORTAÇÃO

CANBERRA, 6.—O ministro do Comércio e da Agricultura, William Scully, anunciando hoje que o Governo consagra a maior atenção á procura de maiores quantidades de trigo para exportar, declarou que os australianos devem reduzir o consumo do trigo. Scully declarou que o primeiro-ministro britanico, Clement Attlee, telegrafou ao primeiro-ministro australiano, Joseph Chiffley, sobre a situação alimentar e que durante as ultimas semanas tem sido exercida crescente pressão sobre o Governo da Austrália pela Junta da Alimentação de Washington, que deseja aumentar os abastecimentos de trigo importado da Austrália. A Junta de Alimentação calcula que haverá uma grave escassez de trigo no Mundo, principalmente na Europa. Scully concluiu dizendo que era preciso procurar excesso de trigo na reserva de 30 milhões de «bushels» destinada ao consumo do próprio país. —(Reuter).

VAI REUNIR-SE EM GENEBRA

o Conselho Mundial das Igrejas

LONDRES, 6—O arcebispo de Cantuária, dr. Fisher, deve visitar Genebra dentro de 15 dias para assistir á reunião do Conselho Mundial das Igrejas.

Encontrar-se-á lá com o pastor Martin Niemoeller e com o bispo Wurm, de Stuttgart.

O bispo de Chichester, dr. Bell, declarou ontém á Imprensa, em Londres, que o fim principal da reunião será tratar das obrigações das igrejas na actual situação mundial.—(R.).

Os tripulantes do «Graf Spee»

vão deixar a Argentina

BUENOS AIRES, 6.—O ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Juan Cooke, declarou ontem á noite aos jornalistas que os 900 tripulantes do navio de guerra alemão «Graf Spee», que se afundou, partem definitivamente da Argentina em 15 de Fevereiro, a bordo do «Highland Monarch». Os casados levam consigo as mulheres argentinas. Também seguem a bordo do mesmo paquete todos os espiões alemães detidos na Argentina.

O ministro dos Negócios Estrangeiros argentino acrescentou que todos os diplomatas acreditados junto do Governo do país foram convidados para uma reunião que se realiza na quinta-feira e em que o Governo explicará a importancia das próximas eleições e as disposições adoptadas para assegurar a liberdade do segredo do voto.—(R.).

A produção de carvão

nas minas francesas ESTÁ A AUMENTAR

PARIS, 6.—O Ministério da Produção Industrial anunciou ontem á noite que durante a semana de 21 a 26 de Janeiro, a França produzira mais carvão do que na média semanal de 1938. 934.000 toneladas, ou seja 102 por cento da média semanal da produção de 1938, foi a produção dessa semana, o que representa um aumento de 50 por cento nos ultimos 6 meses.

Nas minas nacionalizadas do Norte e Pas de Calais, a produção diária passou de 90.000 toneladas, que fora o numero que se tinha em vista. Pediu-se aos mineiros que produzissem 100 mil toneladas diárias. Isto, informa-se oficialmente, permitiria ás industrias mecanicas atingirem 80 por cento da produção e á industria textil atingir 100 por cento da produção de 1938.—(Reuter).

Na Virtude Não Creia Sem Provas

Nos réclames, só depois de experimentar. Quem melhor pode servir é a

Grande Ourivesaria da Moda

257—Rua da Prata (Esq. de Santa Justa)

Á VENDA EM TODO O PAÍS O N.º 10 (FEVEREIRO) DE

Ver e crer

CADA ASSUNTO VALE UM LIVRO

Amores de Teixeira Gomes, por Urbano Rodrigues ■ *Os cuidados com os filhos*, pelo dr. Cordeiro Ferreira ■ *Romance e história do café* ■ *Plágios inconscientes*, por Rocha Junior ■ *De pouco fazer muito*, por Raul Esteves dos Santos ■ *O comboio de corda* (conto), por José Ribeiro dos Santos ■ *A pastorização do leite em casa*, pelo dr. Nuno da Cunha Dias ■ *O fabrico de «antiguidades»*, por Matos Sequeira ■ *Para ir á lua é preciso viajar deitado num foguete preto e branco*, por Pierre Devaux ■ *O centenário da «Menina dos Olhos Verdes»*, por Rocha Martins ■ *Os antepassados da caneta de tinta permanente*, por Silva Bastos ■ *O contágio da tuberculose*, pelo dr. Samuel Maia ■ *Como ficará Lisboa depois da transformação da Beixa*, pelo arquitecto Faria da Costa ■ *O transporte de energia*, pelo eng. Paulo de Barros ■ *A boa fé da Rosalina* (conto), por Abel Manta ■ *Futebol num campo de concentração!*, por Francis Commeau ■ *A influência dos eclipses* ■ *O segredo da reprodução das espécies* ■ *A América foi descoberta 500 anos antes de Colombo*, pelo dr. Bandeira Ferreira ■ *O próximo livro*, de Carlos Olavo ■ *Muitas curiosidades; excelentes gravuras; capa a côres*, de José Rocha.

Distribuição da Editorial Organizações, Largo Trindade Coelho, 9, 2.º, Lisboa.

IMPERIUM SALÃO DE CHÁ

LANCHES·BANQUETES·ALMOÇOS·JANTARES

Rua S. Justa 105 - T 27527